

RASTROS, FAGULHAS E LAMPEJOS NA/PELA PESQUISA: SOBRE O QUE (AINDA) SE MOVE

Karina Rousseng Dal Pont¹

Resumo: A somatória de vivências para tornar-se o que se é compõe as linhas que carrego para esta escrita: o encantamento com artefatos artísticos escolhidos para o processo da pesquisa, e uma proposta de formação em educação a partir dos agenciamentos entre a arte, e a cartografia escolar. A aposta está em solapar a confiança numa formação em educação geográfica estática que afirma a ordem e a obediência aos regimes de representação e verdade sobre o mundo e mover o pensamento pela/com a arte como “pequenos acontecimentos”. A tentativa de saída de alguns desertos na educação se dá pelo encontro com as obras de Jorge Macchi, Ana Linemman e Qiu Zhijene. Propõe-se a reflexão sobre o efêmero que revolve com anseios de uma educação demasiadamente assentada. O artista interpreta ao destruir a matéria de seu sentido primeiro, o metal que se transforma em instalação, o papel-mapa que vira escultura. Como propor uma educação para a solidão que não signifique educar para estar só, mas sim para “o reconhecimento da plenitude incontornável do mistério?”

Palavras-chave: Arte; educação; pequenos acontecimentos.

O que (ainda)se move

[...] fui para dentro do espaçoso guarda-roupa do nosso quarto, coloquei o cinematógrafo sobre um caixote de açúcar, acendi a lâmpada de querosene dirigindo a fonte de luz para a parede branca. E aí rodei o filme. Sobre a parede surgiu a imagem de um prado. Nele havia uma jovem adormecida, vestida ostensivamente em traje típico nacional. Quando rodei a manivela... **(Isso não se pode explicar, não encontro palavras para descrever minha excitação, sempre que desejo posso trazer de volta o cheiro do metal aquecido, os odores do remédio contra traças e da poeira do guarda-roupa, sinto a manivela na minha mão, o tremor do retângulo na parede.)**

Eu girava a manivela e a jovem acordava, sentava-se, movia-se devagar, estendia os braços, virava-se e desapareceria do lado direito. Se continuasse a girar, ela estaria lá de novo, deitada, e logo faria exatamente os mesmos movimentos.

Ela se movia.

Lanterna mágica, Ingmar Bergman, 2013, p. 29-30 (Grifo nosso).

Nas férias do verão de 2015, li entre notas e fragmentos de textos, “Lanterna mágica”, autobiografia de Ingmar Bergman (1918-2007), um dos diretores de cinema de meu maior apreço. Entre fatos da sua vida afetiva e profissional, atravessadas pelas paisagens insólitas da Suécia, numa infância austera e sem grandes demonstrações de afeto, um cinematógrafo marcará a vida de Bergman. A somatória de vivências do cineasta para tornar-se o que se é compõe as linhas que carrego para esta escrita: o encantamento com artefatos artísticos escolhidos para o processo da pesquisa², e uma proposta de formação em educação a partir dos agenciamentos entre a arte e seus suportes, e a cartografia escolar.

¹ Licenciada em Geografia (UDESC), Mestre em Geografia (UFMG), Doutoranda em Educação na UFSC. E-mail: karinardalpont@gmail.com.

² Pesquisa de doutorado em educação vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, iniciada em 2014, cujo tema circula entre arte contemporânea, educação e a cartografia escolar, orientada pelo professor Doutor Leandro Belinaso Guimarães.

Sobre rastros, fagulhas e lampejos, essa é a proposta da escrita. E também apresentar os encantamentos ao longo do processo de pesquisa como pequenos momentos de nossa infância, tal qual o de Bergman. A aposta está em solapar a confiança numa formação em educação geográfica estática que afirma a ordem e a obediência aos regimes de representação e verdade sobre o mundo, e mover o pensamento pela/com a arte como “pequenos acontecimentos”. Deleuze afirma a partir de Nietzsche, que “sob os grandes acontecimentos ruidosos, há pequenos acontecimentos silenciosos, que são como a formação de novos mundos”, e, quem sabe, “anunciem uma saída pra fora do deserto atual” (DELEUZE, 2006, p. 169).

A tentativa de saída de alguns “desertos” se dá pelo encontro com as obras de Jorge Macchi, na exposição “Do Objeto para o mundo – Coleção Inhotim”³, Ana Linemman, na exposição “Há escolas que são gaiolas, e há escolas que são asas”⁴ e Qiu Zhijene, na 31ª Bienal de São Paulo⁵. A partir da participação em uma aula aberta sobre arte⁶ propõe-se a reflexão sobre o efêmero que revolve com anseios de uma educação demasiadamente assentada. Diante desse cenário Kunichi Uno (2012, p. 90) contribui com a seguinte questão: como, ou o que podemos propor na formação, quando tudo está “recoberto pelas linhas retas das forças dominantes”?

Desnomear as coisas

Na aula aberta, “Arte contemporânea, das (in)existências e das provocações”, o tema proposto foi a 31ª Bienal de São Paulo: “*Como (...) que não existem*” (sendo que nesses parênteses caberiam uma infinidade de verbos, compreender, sentir, inventar, sonhar, etc.). O tema da Bienal foi um convite a pensar sobre a arte colaboraria, e seus atravessamentos na/pela arte contemporânea. O cartaz de apresentação da exposição materializada pela figura de uma “torre de Babel”, demonstra que a curadoria apostou mais em trabalhos feitos em projetos colaborativos, do que nos objetos de arte. Segundo a professora e artista, Lucimar Bello, essa forma de apresentar os trabalhos gerou alguns estranhamentos nos espectadores que transitaram pelo pavilhão da Bienal. Anne Cauquelin (2005) nos alerta sobre alguns fatores que nos impedem de compreender a arte contemporânea, seja a própria travessia da arte moderna para este momento da arte; a questão do consumo e do dinheiro na arte; a questão de tempo para que as sensibilidades possam ser captadas; e um público desnordeado e pouco preparado para esse entendimento.

A questão da efemeridade de algumas obras também foi muito forte. Algumas foram feitas e duraram somente o tempo da exposição. O artista paraense Eder Oliveira⁷, e a sua coletânea de retratos de pessoas ditas “perigosas”, apresentava num espaço interno seu processo de criação da mesma forma como faz/apresenta nas ruas do Pará: é uma obra para ser esquecida. Assim também o faz, o artista e calígrafo chinês Qiu Zhijene, e sua obra “*Mar da Utopia*” (Imagem 1). Um mapa de países e lugares “fictícios” como uma ideia de representação, marcação de fronteiras permanentes de um “espaço real” são feitas para durar apenas aquele espaço-tempo, e habitar a lembrança de quem as visitou. Ao finalizar o período de visitação as fronteiras se desfazem, e tudo será coberto de branco novamente.

³ Para saber mais: <<http://doobjetoparaomundo.org.br/>>.

⁴ Para saber mais: <<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/abertura-da-exposicao-ha-escolas-que-sao-gaiolas-e-ha-escolas-que-sao-asas>>.

⁵ Para saber mais: <<http://www.31bienal.org.br/>>

⁶ Ministrada pela artista professora Lucimar Belo, no dia 14/10/2015, realizada pelo Estúdio de Pintura Apotheke, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

⁷ Ver: <<http://www.ederoliveira.net>>.



Imagem 1 – “Mar da utopia”. Desenho sobre parede. Qiu Zhijene, 2014.

Mar da utopia

O artista chinês Qiu Zhijene, e o mapa desenhado ao longo da 31ª Bienal de São Paulo. Para a 31ª Bienal, ele desenhou um mapa em grande escala que funciona como um curioso prólogo para a jornada pela exposição adiante. O mapa se baseia em algumas das ideias curatoriais e artísticas por trás da Bienal, fundidas com as próprias reflexões do artista enquanto estava aqui preparando a imagem. O desenho, traçado diretamente na parede da rampa pequena que sai da área Parque, desaparecerá assim que a exposição for fechada, em 7 de dezembro. Fonte: <<http://www.31bienal.org.br>>. Acessado em: 22/03/2015.



Imagem 2 – Anna Linemann, “Cartoon compacto com os invisíveis nº 2 e globos terrestres”, 2013.

Fonte: <<http://lucianacaravello.com.br/eng/artistas/ana-linnemann/>>.

O encontro com a obra de Ana Linemman aconteceu na visita a exposição “Há escolas que são gaiolas, há escolas que são asas”, no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), em novembro de 2014. “*Cartoon compacto com os invisíveis nº 2 e globos terrestres, 2013*”, me fez parar diante dos globos terrestres amassados nas prateleiras. Não me dei conta que obra toda estava conectada a estante na parede com os livros, e aquela garrafa de Coca-Cola parecia ser esquecida por alguém... depois de investigar a obra da artista é que pude perceber com ela que os objetos ali dispostos buscam criar “novas situações para o que é possível”⁸. Essa é uma das questões que a artista propõe, na opção por objetos do seu uso cotidiano quando rearranjadas em suas instalações provocam estranhamentos nos expectadores, quanto a identidades, funções e sentidos de tais objetos que previamente nomeados como coisas já conhecidas.



Imagem 3 – Jorge Macchi, La ciudad luz, 2007. Fonte: <<http://www.jorgemacchi.com/>>.

Em Belo Horizonte, no Palácio das Artes, visitei a exposição “Do Objeto para o Mundo – Coleção Inhotim”, o evento contou com uma “Conversa” com alguns artistas que possuem suas obras abrigadas neste espaço. Jorge Macchi, era o artista convidado para comentar suas obras, o seu processo de criação diante da plateia e dos curadores da exposição. Este artista argentino utiliza o mapa, e a cartografia como suporte em diversas obras, incluindo essa apresentada na Imagem 4, “*La ciudad luz*”: dois mapas de Paris, com duas escalas diferentes. Um mapa está no chão e outro está sobre a mesa, cuja escala serve apenas para projetar uma sombra sobre o outro mapa (como alegoria!). Segundo Macchi, “*a obra busca destacar que as cidades são vivas, que não são planas como os mapas mostram, mas que também estão nas sombras, e que pedaços dela só aparecem as vezes. [...]O mapa é um objeto reconhecível, quando o utilizo em minhas obras pela intervenção, o mapa se transforma. O ar passa pelo mapa, e o papel vira uma escultura*”⁹.

A partir dessas três experiências formativas (aula aberta, visita à exposição Museu de Arte do Rio, e “Conversa” com Jorge Macchi) pelo viés da “desnomeação” pude começar a

⁸ Ver: <<http://www.analinnemann.com>>.

⁹ Fala do artista Jorge Macchi, no dia 12/12/2014. <<http://doobjetoparaomundo.org.br/artista/jorge-macchi/>>.

pensar o mapa, a cartografia e o ensino de geografia de outros modos. Desnomear o mapa da sua função única de representar e planificar o mundo, e com a arte, com a poética, com a singeleza abri-lo, desfazer as fronteiras, a rigidez do método, falar mais de processos, de rastros de criação do que de produtos prontos, finalizados. Para Nietzsche, “a arte é a forma mais apropriada para aludir ao devir vital, para celebrar a alegria de criar. (...) É o espelho de uma luta de forças sempre em processo, nunca atinge uma forma definitiva, é sempre construção e destruição de formas” (BARRENECHEA, 2008, p. 84).

Composições de travessias, sobreposições de camadas de tempos, de processos e de um esforço em transformar a matéria, lhe dando sentidos outros, interpretações. “Interpretar é interpretar interpretações (pois as coisas e as ações já são interpretações), e com isso já é modificar a as coisas” (DELEUZE, 2010, p. 168). O artista interpreta ao destruir a matéria de seu sentido primeiro, o metal que se transforma em instalação, o papel-mapa que vira escultura. Destruir para criar, assim como Nietzsche e seu martelo. As composições com os objetos, a potência dos agenciamentos, o ambiente, os bastidores, do descarte, a poeira e a posição de cada coisa no ateliê, são acontecimentos imperceptíveis, “não são aquilo que a representação da obra acabada nos fornece, mas refere-se a possibilidade do vir a ser” (MENDONÇA, 2012, p. 128).

Há um esforço com a arte em construção e destruição, mas também de achar um lugar para cada objeto, que a princípio parecem solitários, ou fragmentados. Ana Linemman marca essa questão em sua obra, assim como podemos conectar com os suportes de Jorge Macchi e as cartografias, os mapas que se tornam esculturas. Jean Genet, em “O ateliê de Giacometti” (2001, p. 45) aponta para uma das falas do artista sobre a solidão dos objetos,

Um dia, no meu quarto, ao olhar uma toalha sobre a cadeira, tive a nítida impressão de que não apenas cada objeto estava só, como tinha um peso – ou melhor, uma ausência de peso – que o impedia de pesar sobre o outro. A toalha estava só, tão só que eu tive a sensação de poder retirar a cadeira sem que a toalha se movesse. Ela possuía seu próprio lugar, seu próprio peso, e até seu próprio silêncio. O mundo era leve, leve...

O jogo de cena, como bem observa Giacometti, é fazer com que cada coisa caiba no seu lugar, sem “pesar sobre o outro”, que cada conceito, artefato, suporte, possua “seu próprio lugar, próprio peso, e até seu próprio silêncio” mesmo quando transformado em outro.

Educação, formação, solidão

Como propor uma educação para a solidão que não signifique educar para estar só, mas sim para “o reconhecimento da plenitude incontornável do mistério?” (WEBER, 2011). Quais são os sentidos da razão que nos impedem de enxergar nas invisibilidades do objeto (didático/curricular) uma outra forma de contar/mover a vida?

Ao nos apropriarmos de objetos “reconhecíveis” na/da sala de aula (mapas, atlas, croquis, globos, quadro, giz) e atravessá-lo pela potência do “ineditismo”, como assim faz Jorge Macchi e Ana Linemman, podemos também ficcioná-los em nossas práticas pedagógicas. Essa seria uma forma de combate e/ou resistência a tudo que imobiliza o corpo, o pensamento e a criação na educação. A aposta pode ser em chegar numa ideia de experimentação como formação. Apresentar os objetos pela *desnomeação*, vinculando-os a um caráter efêmero em nossas práticas pedagógicas. A proposta seria de cada conceito/objeto durar apenas o tempo de uma exposição e ser recoberta de branco quantas vezes fosse necessária.

E assim seguir com Jorge Larrosa (2006, p. 53) pensando a formação como “uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual

alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém”. Lidar mais com os rastros, lampejos e fagulhas, com aquilo que nos move (ainda) na educação.

Referências

BARRENECHA, M. A. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BERGMAM, I. *Lanterna mágica*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CAUQUELIN, A. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

DELEUZE, Gilles. A gargalhada de Nietzsche. In: _____. *A ilha deserta*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2010. (p. 167-170).

GENET, J. *O ateliê de Giacometti*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

MENDONÇA, Samuel. Vontade de potência, interpretação e teoria do conhecimento em Nietzsche. In: AZEREDO, Vânia Dutra; SILVA JÚNIOR, Ivo da (Org.). *Nietzsche e a interpretação*. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 225-235.

UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: N-1 Edições, 2012. p. 90.

WEBER, J. F. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2011.